



Artigo

CAPENGÁ! UMA GINGA INTRUSA

CAPENGA: AN INTRUSIVE WADDLE

¡CAPENGA! UNA JUGADA INTRUSA

Estela Lapponi

Estela Lapponi

Performer, videoartista e terrorista poética DEF paulistana.

E-mail: casadezuleika@outlook.com

Resumo

Este ensaio propõe uma reflexão poético-teórica, a partir da vida vivida, sobre a potência estética, política e epistemológica da palavra “capenga”. Tendo como metodologia de investigação a prática artística, busca-se esmiuçar e ampliar os significados da palavra, fazendo dela um campo de criação que produz Dança Contemporânea – uma dança que tropeça, titubeia e desconcerta e que enfrenta a noção da capacidade corporal compulsória que ainda impera na própria Dança. Um experimento de escrita capenga. Um relato de como o ordinário pode se transformar em investigação de linguagem. Uma tentativa de traduzir o afeto que se tem por uma palavra.

Palavras-chave: dança contemporânea, performance, poéticas, corpo intruso, arte DEF, cultura DEF, teoria crip, bipedia compulsória.

Abstract

This essay proposes a poetic-theoretical reflection based on life experience and the aesthetic, political, and epistemological potency of the word *capenga* (something close to lame, limping, or crooked). Taking artistic practice as its research methodology, this study aims to scrutinize and expand the meanings of the word, making it a field of creation that produces Contemporary Dance — a dance that stumbles, falters, and disconcerts and that confronts the notion of compulsory able-bodiedness that prevails within Contemporary Dance. An experiment in *capenga* writing. An account of how the ordinary can transform itself into a language investigation. An attempt to translate the affection one has for a word.

Keywords: contemporary dance, performance, poetics, intruder body, crip art, crip culture, crip theory, compulsory bipedalism.

Resumen

Este ensayo propone una reflexión poético-teórica, a partir de la experiencia, sobre la potencia estética, política y epistemológica de la palabra *capenga* (algo parecido a cojo, renqueante o torcido). Teniendo como metodología de investigación la práctica artística, se busca desmenuzar y ampliar los significados de la palabra, convirtiéndola en un campo de creación que produce Danza Contemporánea – una danza que tropieza titubea, desconcierta, y que enfrenta la noción de la capacidad corporal obligatoria que aún impera en la propia Danza Contemporânea. Un experimento de escritura *capenga*. Un relato de cómo lo ordinario puede convertirse en una investigación de lenguaje. Un intento de traducir el afecto que se tiene por una palabra.

Palabras clave: danza contemporânea, performance, poéticas, cuerpo intruso, arte DISCA, cultura DISCA, teoría *crip*, bipedalismo obligatorio.

“Eita! Que hoje eu vô dançá **capenga**¹, memo, e vô pegá uma mulé **capenga** pá mim também!” – cantarolou um camelô, num certo dia de dezembro de 2011, no centro de Salvador, para as duas mulheres **DEFs hemiparéticas** que por ele passavam.

As mulheres eram eu e minha colega. Eu ri com o camelô não só pela abordagem inusitada, mas também pelo fato de ele ser um **bípede** (Carmo, 2023) que, mesmo que hipoteticamente, se **capengou** para dançar conosco. Sem ter conhecimento dos Estudos Críticos da Deficiência, o camelô se propôs a aleijar a própria dança (Carmo, 2023).

Nós **campengamos**. Ele **capenga**².

Para continuar essa escrita, preciso elucidar palavras e conceitos.

DEF: Primeiramente, nasce como gíria entre os bailarinos do Roda Viva Cia. de Dança de Natal (1995). Era como se denominavam entre si, usavam “aleijado” e outras mais diretamente ligadas às deficiências de cada um, como “perneta”, “cegueta”. A princípio, era uma abreviação irônica, de pertencimento, e as percebo também como forma de naturalizar a palavra “Deficiência”. Em 2016, a gíria se torna **conceito** por Ana Carolina Bezerra Teixeira, ex-integrante da Cia., em sua tese de doutorado, *A estética da experiência: trajetórias do corpo deficiente na cena da dança contemporânea do Brasil e dos Estados Unidos*.

Na tese, a autora destaca: “A abreviação DEF neste sentido empreende uma identificação com a experiência da deficiência no que concerne à apropriação real desta vivência corporal [...]” (Teixeira, 2016, p. 68). DEF, DEFIÇA, ALEIJADO têm sido adotados por pesquisadores críticos da deficiência e artistas. Eu uso DEF desde 2011, quando conheci Ana Carolina Teixeira – a outra **mulher capenga**.

Hemiparética: se diz da pessoa que possui a deficiência física hemiparesia (hemi – metade; paresia – fraqueza). A hemiparesia pode ser causada por AVC isquêmico ou hemorrágico (meu caso, há 28 anos) ou por traumatismo craniano.

1. Grifos da autora.

2. Conjugação do verbo “capengar”, que é parte da sinopse do espetáculo e colocado no decorrer deste texto em comunhão com a escrita e tese da pesquisadora/assistente Patricia Muccini.

Bípede: Pessoa Sem Deficiência – origina-se do conceito **bipedia compulsória**, cunhado por Carlos Eduardo Oliveira do Carmo (conhecido artisticamente como Edu O.) em sua tese *Vocês, bípedes me cansam! Modos de aleijar a Dança como contrapartida à Bipedia Compulsória* (2023).

Bipedia Compulsória: O conceito que estabelece relações entre a Teoria Crip (McRuer, 2006) e a Dança (Albright, 1997; Katz, 2005; Lepecki, 2016; Matos, 2012). Conforme Carmo:

Bipedia compreendida não como forma de locomoção em seus aspectos físicos, biológicos e mecânicos. Apreendo conceitualmente a bipedia compulsória que, em par com o **capacitismo** e a normatividade **[capacidade] corporal compulsória** (Mello, 2019), exclui as diversas corporalidades que fogem aos padrões dominantes no campo da Dança, sobretudo em relação às pessoas com deficiência, tomadas por incapazes e inaptas para dançar, diante do corpo bípede (Carmo, 2023, p. 163, grifos meus).

CAPACITISMO: “Terminologia que designa o preconceito em relação à Pessoa com Deficiência, assim como o racismo está para a pessoa negra e indígena, o machismo para a mulher, o etarismo para a pessoa idosa...” (Lapponi, 2023, p. 22).

Segundo a antropóloga DEF Anahí Guedes de Mello, que traduz o termo do espanhol para o português e que, enquanto ativista e delegada do Conselho Nacional LGBT (nomenclatura da época), em 2011, documenta o capacitismo no Brasil por causa da aliança com a população LGBTIAP+: “Deficiência é uma categoria de análise não binária, uma vez que o oposto de deficiência não é Eficiência e, sim, Capacidade – daí a palavra Capacitismo para designar o preconceito relativo à Pessoa DEF” (Lapponi, 2023, p. 22).

Capacidade corporal compulsória: Conceito cunhado e desenvolvido por Robert McRuer em seu livro *Teoria Crip: signos culturais entre o queer e a deficiência* (2006), que diz respeito aos “modos corporais de se movimentar, se relacionar e fazer as coisas na vida e no mundo acadêmico, que estão implícitos nos padrões arquitetônicos e comunicacionais, nos parâmetros sensório-motores e nas tecnologias e práticas pedagógicas” (McRuer, 2024, p. 9). Traduzido de *compulsory able-bodiedness* e que se aproxima da versão em espanhol – *capacidad corporal obligatoria*.

Teoria crip: Teoria aleijada, em português, obra em que Robert McRuer intersecciona os estudos críticos da deficiência com a teoria *queer*. O sujeito normal é tanto heterossexual quanto capaz. Defende um modelo cultural da deficiência. Sobre os processos discursivos que criam noções de normalidades e anormalidades, mostra a relação intrínseca entre os corpos com deficiência e LGBTQIAPN+, no sentido histórico da patologização destes corpos, por meio dos “dispositivos biomédicos, educacionais, estéticos, arquitetônicos e etc.” (McRuer, 2023, p. 12).

Aleijar: Palavra pejorativa que vem sendo usada por artistas DEFs das diversas linguagens da Arte contemporânea e pesquisadores acadêmicos DEFs e bípedes do campo dos Estudos Críticos da Deficiência. Carrega o “sentido de descolonizar, multilar, deformar e contundir o pensamento hegemônico sobre a deficiência” (Ruer, 2024, p. 10) como símbolo de insurgência e contranarrativa das pessoas com deficiência contra as práticas opressoras de normatização dos corpos dos sistemas neoliberais, que eu chamo de atitude Corpo Intruso.

Lembrar-me dessa história enquanto escrevia o livro *Corpo Intruso: uma investigação cênica, visual e conceitual* (2023) – não sei o porquê de não a ter deixado no livro – me despertou para a minha afetividade com a palavra **capenga** e seu verbo **capengar**.

Também não me ofendo com a palavra Capenga.

Amo essa palavra!

Ela me representa.

Busquei na internet sua etimologia e descobri que [esta referência é duvidosa]:

Do Tupi, CANG, “osso”; e PENG, “torto”.

Os significados são: coxo, manco, defeituoso, torto.

O defeituoso eu escolho riscar, pois remete a um pensamento ultrapassado [modelo médico da deficiência], mas de resto... Sou manca, sou coxa, meu andar é manco e possuí um rebolado assimétrico único. Me aproprio desse capengar que é parte do meu existir e o ressignifico. Ele me propõe uma estética e é isso que me interessa: a experiência estética” (Lapponi, 2023, p. 89).

E a partir de então, **Capenga** iniciou um frutífero e interessante diálogo comigo.

Por acaso, ou não, nesse período voltou à circulação nas redes sociais o famoso meme da jornalista do Jornal Nacional, Renata Vasconcelos, reproduzindo a célebre sequência de adjetivos que constava na carta que os advogados do então presidente #FORATEMER (2017) escreveram em defesa da acusação de corrupção passiva no caso JBS por parte do procurador-geral da República, Rodrigo Janot: “Xoxa, **capenga**, manca, anêmica, frágil e inconsistente.”

A sequência de adjetivos me atormentou. Feriu meu sentimento de identificação com a palavra **capenga**. “*Why so sad, sun?!³*”

Eles capengam. Vós capengais?!

Outro acaso, ou não, nesse conjugar **capenga** na vida.

Novamente em Salvador, em 2023 (12 anos depois do episódio do camelô), no salão nobre da Universidade Federal da Bahia (UFBA), no I Encontro Nacional de Cultura e Arte nas universidades federais brasileiras, no qual participei como palestrante da mesa sobre **arte e cultura DEF⁴** ao lado da atriz e dançarina DEF Moira Braga (RJ); da antropóloga lésbica e DEF Anahí Guedes de Mello e uma outra bípede que não me lembro do nome, presidente do Núcleo de Apoio à Inclusão da Pessoa com Deficiência (Napid). Quando comecei a falar, o microfone de mesa que estava à minha frente desmoronou, interrompendo-me. Tentei colocá-lo de pé, mas ele voltou a tombar. O técnico de som esticou, torceu, ajambrou o pedestal do microfone – em vão. O microfone se recusava a ficar em pé. Um burburinho ressoava entre as pessoas da equipe técnica, pois aquele microfone estava deturpando a ordem do momento.

Deturpar a ordem é típico de Corpo Intruso. Antes que os técnicos substituíssem o elemento rebelde e, ao mesmo tempo, dando-me conta do presente semiótico, intruso e performático que ganhara, como quem mergulha, debrucei-me sobre a mesa e, juntando-me ao microfone, dei a minha fala. O ato incendiou o Salão Nobre, ruídos das cadeiras, bochichos na plateia, pois precisariam se deslocar, mudar de lugar para ver o meu rosto. Poucos foram os que se moveram. Comparo o acontecimento, microfone e eu tombados e a

3. *Why so serious?*, frase célebre do Coringa em *Batman, o Cavaleiro das Trevas*.

4. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CuZihQKLZ12/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA. Acesso em: 24 nov. 2025.

postura rígida da plateia numa relação recíproca entre corpo DEF e o modelo médico da deficiência.

O modelo médico percebe o corpo DEF pela falta, pela falha e pela medicalização, institucionalização o isola para consertá-lo. A postura rígida da plateia, que não se movimentou para me ver, assim o fez, pois considerou a minha performance errada, inadequada para o contexto. O corpo DEF é o que é e não se adequa, nem quer às formalidades bípedes.

Ele **capenga**. Eu **capengo**.

Outras elucidações

Arte DEF: É produção de conhecimento artístico; é produção de pensamento; é produção de uma estética própria e decolonial, podendo ser contracolonial; é proposição de uma nova ética; é feita por artistas DEFs que têm orgulho de serem o que são e que têm a consciência da criação de uma nova **ancestralidade DEF**.

Cultura DEF: É composta de pessoas com todos os tipos de deficiência (cultura surda – já reconhecida academicamente; cultura cega; cultura DEF físico; cultura neurodiversa etc.). Reconhece que cada pessoa e deficiência tem sua maneira de estar, viver e perceber o mundo; é do contemporâneo e pensa a cultura do acesso.

Ancestralidade DEF: É sobre “o imaginário milenar que o corpo DEF carrega baseado na história da humanidade” (Lapponi, 2023, p. 89). Embora ancestralidade se refira à ligação genética entre pessoas, pelo fato de as DEFs compartilharem experiências de opressões do capacitismo, caracterizo como uma ancestralidade **não** genética.

Os trabalhos artísticos que idealizo e produzo nascem do ordinário, de acontecimentos que vivencio no dia a dia. Por meio das criações, amplio suas perspectivas.

Embora **capenga** seja usada para designar algo que está malfeito e que falta, a palavra ressoa em mim o senso de humor típico do inadequado.

O inadequado é uma das matérias-primas do conceito que cunhei como Corpo Intruso, que desde 2009 venho investigando por meio da teoria (Nancy, 2006) e de práticas artísticas.

Corpo Intruso é o fundamento do meu modo de produzir, é com ele que elaboro as propostas artísticas. O conceito não tem uma definição única, e sim uma lista de aspectos que buscam abarcar possibilidades caleidoscópicas:

Tudo que:
Não está convidado,
Está fora de contexto,
Te tira do centro,
Desarticula o cotidiano,
Não nos damos conta,
Pode causar atração e temor,
É estranho
É “feio”,
É frágil
No entanto pode ser:
alegre, indigesto e ter certo humor ...
EU NOMEIO: CORPO INTRUSO [C.I.] (Laponi, 2023, p. 59).

¡HOLA!



SOY ZULEIKA BRIT.

Zuleika Brit (BR/IT): Óculos de armação arredondada preta de plástico, com olhos desenhados e maquiados com sombra azul-claro. É a performatividade de Corpo Intruso e se tornou verbo regular transitivo direto **zuleikar**.

Nasce a partir da pergunta: “Se um espaço definido pode se tornar um sinal ou símbolo, ele pode significar um pensamento ou um conceito?”⁵ (Tschumi, 2004, tradução nossa).

Zuleikar é ação intrusa.

Onde está Zuleika Brit é Corpo Intruso.

5. No original: “If a definite space can become a sign or symbol, can it signify a thought or a concept?”

Corpo Intruso não tem juízo de valor prévio; tal julgamento se dá de acordo com as circunstâncias e as relações que se estabelecem.

Até então, eu percebia Corpo Intruso sob dois efeitos: como algo recusado, que tinha a ver com minha vivência de imigrante e de DEF; ou algo que se apropriava e dominava, como o caso do colonizador. Ainda não tinha me dado conta da qualidade subversiva que é, ironicamente, própria do conceito (Lapponi, 2023, p. 73).

Com o pensamento em Corpo Intruso e partindo do princípio de que o corpo DEF é Corpo Intruso e, portanto, tem a potência disruptiva de sistema, lancei-me na prática artística para a investigação capenga.

Muitas vezes, utilizo a criação audiovisual como metodologia para “aquisição de conhecimento a partir da prática” (Royo; Sanchez, 2010).

Aproveitei o convite para integrar projetos de outros artistas e produzi duas videodanças:

1. CAPENGAR GANG 1 (2024) para o projeto “Onde está (m)eucorpo DEF?”, proposto pelo artista DEF cearense João Paulo Lima.

Na videodança, me filmo com a câmera no modo *selfish* [selfie], um corpo sem rosto, que caminha no campo e tenta se ajeitar numa rede. Descobri o modo *selfish* como possibilidade estética na pandemia de 2020 – um Corpo Intruso e tanto, que modificou nosso modo de viver, trabalhar e se relacionar, que ainda reverbera – na criação primeiramente de uma videodança, SELFISHcâmera (ConVIDA [...], 2020), que teve seu desdobramento no espetáculo online: *Born to be na Live!* (Performance [...], 2024).

2. Do caPEngar da bipedia (2024) videoinstalação para o gesto Ficar em Pé do projeto Histórias de Gestos da coreógrafa e bailarina Elisabete Finger. Era para ser uma apresentação ao vivo na Bienal Sesc de Dança de 2023, estreia inclusive, porém um dia antes descobri que estava com covid-19, e, por isso, em concordância com a Bete Finger, criei uma videoinstalação. Filmada em *plongée*, uma figura feminina enigmática de macacão laranja, peruca chanel azul, patins nos pés e bengala preta, sempre de costas, reproduz posturas de pé. O vídeo foi instalado em um praticável retangular, um pouco maior que o monitor de 43” no sentido 9:16 – “de pé”, a 60 cm do chão, circundado por fitas de isolamento, típicas de museu. O público se dispunha

ao redor do praticável, atrás das fitas, e era ele quem executava o enunciado do gesto “ficar em pé”. O vídeo tem 20 minutos de duração, a movimentação é monótona e cansativa, contudo o enigma da figura feminina prendia a atenção do público, que, de pé, ia capengando sua postura ereta.

As videodanças são obras que se encerram em si, ao mesmo tempo que são parte da contínua investigação capenga, são como momentos privilegiados de experiência codificada (Royo; Sanchez, 2010), espaços de reflexão sobre o que estou criando.

“A investigação não se encerra na apresentação de um produto e sim na aquisição de conhecimento a partir da prática” (Royo; Sanchez, 2010).

Que tipo de estética capenga me propõe em cena? Qual o diálogo que se dá entre capenga e Corpo Intruso? Capenga é Corpo Intruso? Zuleika Brit é capenga? Capenga seria um modo de operar que atualiza Corpo Intruso? O que seria uma dança capenga? O fato de eu ser capenga, já faço uma dança capenga? Como capengar o já capengado? Onde estaria o capenga no mundo e que ninguém percebe que é capenga? (tudo que não nos damos conta).

Uma vontade muito grande de conjugar o capengar em tudo: figurino, trilha sonora, objetos, o público, o espaço... Será que capengarei?

Há alguns anos, eu tinha vontade de usar sensores no meu corpo, que disparassem a música. Pareceu-me uma combinação perfeita: uma dança capenga movida por um corpo capenga, que com sensores dispara a trilha – A trilha seria capenga?! Comecei a investigação solo de dança e tecnologia, me apresentando nua e cruamente no FAROFA do Processo da Corpo Rastreado. Programei-me (Fabião, 2013), no sentido de preparar elementos, afinal a pesquisa da palavra já havia começado, portanto eu tinha algumas ideias, imagens, sensações pulsando. O intuito foi usar o público para entender os signos, os possíveis caminhos, e continuar a me fazer perguntas. O público da apresentação foi seleta, tive a sorte de contar com a presença de Marcos Moraes, Leticia Sekito, Elisa Band, Nina Giovelli, e estou na dúvida se tinha mais gente.

Neste começo, tive a companhia da pesquisadora/doutoranda Patricia Muccini (bípede aliada), que não só testemunhou e interagiu nos dois encontros das elocubrações iniciais, como fez a contrarregagem na apresentação do

FAROFA. No decorrer do tempo, passei a chamar de pesquisadora/assistente, assim como Elisa Band (bípede aliada), que se juntou ao bonde capenga meses depois. As duas presenças foram importantes na construção dos sentidos nessa conjugação capenga para a construção da dramaturgia do solo.

Fazia uns 17 anos que não entrava em uma sala de ensaio para criar. Os trabalhos realizados de 2011 até aquele momento eram programas, imagens. O desejo de criar um solo capenga me fez voltar ao espaço fechado de criação. Voltei à sala no Espaço Kasulo pela Cia. Fragmento de Dança por um mês.

A pesquisa de movimento se deu a partir da improvisação para a construção da dramaturgia de movimento em capenga, tendo como fio condutor me mover pela “sensação do movimento”⁶ que a palavra me causava, somado ao sentido que ela carrega culturalmente e tudo que já havia refletido sobre as práticas anteriores e como o corpo intruso está presente nesse caleidoscópio de relações.

Dobrar.

Quase cair.

Despencar.

Capenga cai?!

Entortar.

Mareio.

Enjoo.

Vertigem.

Cadeira surge... hummm... inadequada.

Deitar.

Levantar.

Limiar.

Movimentos codificados da dança eurocêntrica dos anos 90 e bípede me conduziram, majoritariamente, nos primórdios de investigação. Percebi o “que não me dou conta” – como ideia intrusa, como algo que, mesmo vindo de dentro, não nos pertence.

6. Um dos princípios do método Danceability de Improvisação em Dança criado pelo bailarino e coreógrafo norte-americano Alito Alessi.

Concordo com Pelbart:

“[...] o poder já não se exerce desde fora, nem de cima, mas como que por dentro, pilotando nossa vitalidade social de cabo a rabo” (Pelbart, 2007, p. 21).

“Joga fora no lixo!”⁷ (sugiro dar uma pausa para ouvir a música, cria certo sentido).

Capenga! Solo de dança e tecnologia foi contemplado no edital RUMOS do Itaú Cultural.

Retomo os ensaios, desta vez, na sede do Núcleo Dança Aberta⁸.

Uma cadeira adequada. The cadeira.

Continuamos: eu, as capenguetes, uma cadeira e um microfone. Microfone?! É! Lembra o microfone que se recusou a ficar de pé? Ele estava desde o começo lá no FAROFA de 2024... Não quis dar *spoiler*. Deixemos na esfera do enigma...

Mareio.

Revisto a cadeira com a fita FRÁGIL.

Ajambro de remendos.

Remendar.

Protuberâncias.

Assimetrias.

Mareio constante

Bêbada.

Caretas.

Em risco de...

A virtuose bípede invade o espaço. Vocês, bípedes, me cansam⁹!

Gesto errático.

O cerne de capenga, algo que não quer ser arrumado, consertado.

Estado capenga é parte da vida vivida.

7. Música “Joga fora”, Sandra de Sá. Disponível em: <https://youtu.be/aQMCYu7GxeE?si=DWSIUdjmNqzExQsV>. Acesso em: 24 nov. 2025.

8. Fundado em 2007 por Neca Zarvos, que realiza desde a década de 90 um trabalho de aplicação e difusão do método DanceAbility, incluindo a produção da primeira vinda de Alito Alessi ao Brasil, em 1997. Disponível em: <https://nucleodancaaberta.com/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

9. Edu O.

Capengá! Uma ginga intrusa

Capenga é um modo de existir e se reforça na perspectiva de cultura DEF.
E se capenga for sobre a virtuose DEF?
Virtuose DEF – O domínio do tropeço?
Gesto gago.
Dobra.
Adoro me superar... Na cara de pau!
Gambiarra.
Partes de coisas.
Microfone que deita, não fica em pé.
Zuleika e a cadeira. Não há hierarquia entre as coisas. Zuleika coisa.
Cadeira coisa. É tudo coisa?!
Posar.
Desconcertar.
Enigmático.
Sensualizar.
Capenga é movimento contínuo.
Paródia de poses.
Capenga é palavra sonora, gostosa de falar.
Na gramática é adjetivo e substantivo. Como verbo, é regular intransitivo, dispensa complemento.
A fonética é precisa no seu sentido – CA PENNNNN GA! Ela não se esconde, se revela em sua própria fonética.
Palavra-pêndulo.
Balanga.
Desloca.
Bambeia.
Inspira os sentidos, inventa imagens e ativa memórias.
Desequilibra.
Bagunça.
Arrisca.
Falha.
Ginga.

Bibliografia

- ALBRIGHT, Ann Cooper. **Coreographing difference**. Hanover: Wesleyan University Press, 1997.
- CAPENGAR GANG_01. [S. l.: s. n.], 2024. Publicado pelo canal Casa de Zuleika. 1 vídeo (5 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Z_-cl-RQQuE. Acesso em: 24 nov. 2025.
- CARMO, Carlos Eduardo Oliveira do. **Vocês, bípedes, me cansam!** Modos de aleijar a dança como contranarrativa à bipedia compulsória. 2023. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2023.
- CONVIDA - SelfishCÂMERA de Estela Laponi (SP). [S. l.: s. n.], 2020. Publicado pelo canal SescBrasil. 1 vídeo (5 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SWhtn2IH5Fk>. Acesso em: 24 nov. 2025.
- DO CAPENGAR da bipedia. [S. l.: s. n.], 2024. Publicado pelo canal Casa de Zuleika. 1 vídeo (20 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6E6AzC-kJs8>. Acesso em: 24 nov. 2025.
- FABIÃO, Eleonora. Programa Performativo: O Corpo-em-Experiência. **ILINX** – Revista do LUME – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais, Campinas, n. 4, p. 1-11, 2013. Disponível em: <https://orion.nics.unicamp.br/index.php/lume/article/view/276>. Acesso em: 15 set. 2025.
- KATZ, Helena. **UM, DOIS, TRÊS**: a dança é o pensamento do corpo. Belo Horizonte: FID, 2005.
- LAPPONI, Estela. **Corpo intruso**: uma investigação cênica, visual e conceitual. São Paulo: Casa de Zuleika, 2023.
- LEPECKI, A. Errância como trabalho: sete notas dispersas sobre dramaturgia da dança. In: CALDAS, Paulo; GADELHA, Ernesto (orgs.). **Dança e Dramaturgia(s)**. São Paulo: Nexus, 2016.
- MATOS, Lúcia. **Dança e diferença**: cartografia de múltiplos corpos dançantes. Salvador: EDUFBA, 2012.
- MCRUER, Robert. **Teoria crip**: signos culturais entre o queer e a deficiência. – Tradução de Anahí Guedes de Mello e Olivia von der Weid. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2024.
- NANCY, Jean-Luc. **L'intruso**. Pontevedra: Cronopio, 2006.
- PELBART, Peter Pál. A vida desnudada. In: GREINER, Christine; AMORIM, Claudia. (orgs.). **Leituras da morte**. São Paulo: Annablume, 2007.
- PERFORMANCE born to be na live! selfishcâmera 360p. [S. l.: s. n.], 2024. Publicado pelo canal Casa de Zuleika. 1 vídeo (56 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZZpAjD9VePU>. Acesso em: 24 nov. 2025.

ROYO, Victoria Perez; SANCHEZ, Jose Antonio. La investigación en artes escénicas. **Cairon Revista de Estudios de Danza Práctica e Investigación**, Madrid, v. 13, p. 5-13, 2010. Disponível em: <https://archivoartea.uclm.es/wp-content/uploads/2018/12/cairon-13.pdf>. Acesso em: 29 set. 2025.

TSCHUMI, Bernard. **Questions of space**. London: AA Publications, 2004.

TEIXEIRA, Ana Carolina Bezerra. **A estética da experiência**: trajetórias do corpo deficiente na cena da dança contemporânea do Brasil e dos Estados Unidos. 2016. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.